

Wagner Merije

...a no amor? Cara de dor! Café na cama Ah, como a gente ama E se a gente não desse ouvidos a De
...ção de areia A estrada cheia de pedras As coisas se misturam. Fomos nós que invadimos a selva Vi
...anca A mãe Inspiração que pensa Quem sonha vive no futuro Razão que cria Lido todo dia Com sol
...Para a vida Corpo não é a alma Quem não vive no chão. Corpo, para que? Para abrigar
...o Sustenta sua importância Se a vida é feita de sonhos Para depois contar histórias Lembranças
...a Encontrou o sonho real Para a vida não se acabar até umas horas Era um terreno pe
...Acha o barro, acolhe o barro, molda o barro. Eis o templo. Barro, templo, tempo. Os rios que vêm d
...esso não é nada diante do desespero Os corpos-mentes Que habitam o séc. XXI Enfrentam o inevit
...brir cortina Olhar para fora Viver o agora A dúvida ataca Quando menos se espera E parece fera At

torpedos

torpedos **Wagner Merije**

Dedicado a...

Adélia Prado, Adriana Calcanhoto, Alice Ruiz,
Augusto de Campos, Bertolt Brecht, Chico César,
Crânio, Elisa Lucinda, Felipe Arruda, Francisco
Brennand, Friedrich Nietzsche, Hélio Oiticica,
Itamar Assumpção, Jorge Emil, José Martí,
Lauro Henriques, Manoel de Barros, Marcelino
Freire, Nelson Leirner, Oscar Niemeyer, Oswald
de Andrade, Peter Knapp, Raul de Souza... e às
pessoas de alma bem grande.

“Quando me fazes alegre

Penso por vezes:

Agora poderia morrer

Então seria feliz

Até o fim” - **Bertolt Brecht**

torpedos **Wagner Merije**

Minha mensagem:

Escreverei algo, rápido.

Digo: é livro para navegar.

Sair pescando versos, como bem diz o autor.

Jogar-se na rede. Para balançar.

É coisa para ler em um toque. Um clique.

Em um piscar de dedos.

Poesia na ponta do mouse. Ave! Sem medo.

Puro divertimento.

De mansinho amanhecendo.

Gosto disto.

De quem não fica adiando o sentimento.

De quem, como Merije, solta o verbo, a luz, o

flash. Deixa a poesia fácil.

Nada de nadar difícil.

Mergulha e acontece.

“Dei meu nome ao impossível”.

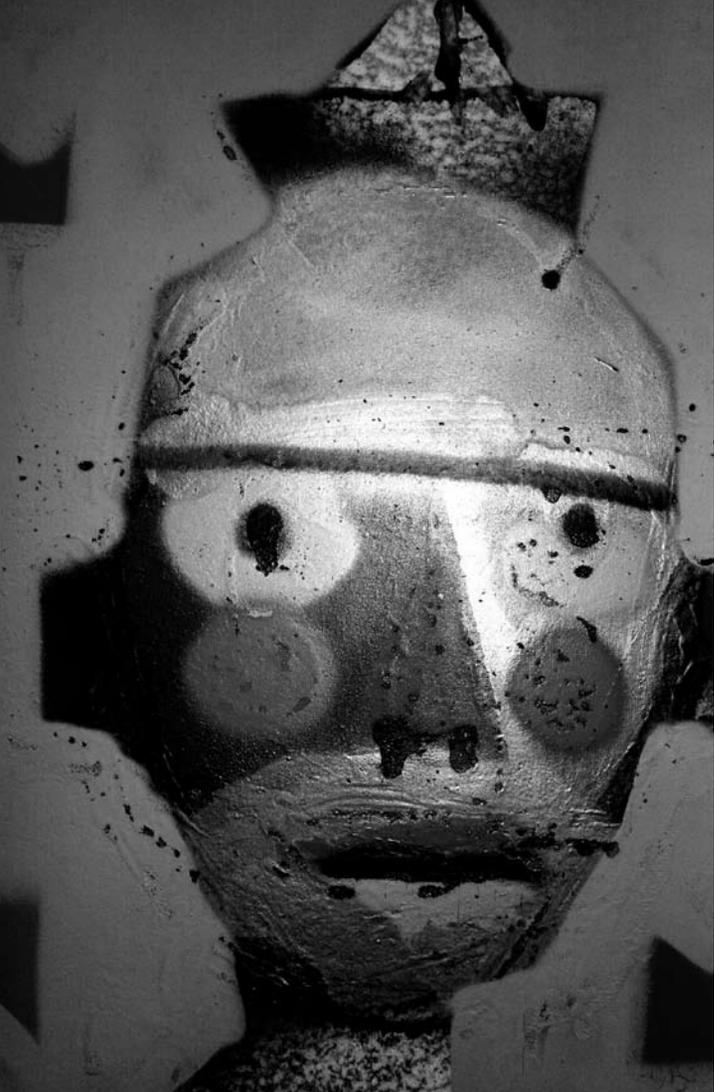
É assim, pois, que se escreve.

Marcelino Freire é escritor. É autor, entre outros, dos livros “Angu de Sangue” (Ateliê Editorial), “Contos Negreiros” (Editora Record – Prêmio Jabuti 2006), “Amar É Crime” (Edith, 2011). Em 2004, idealizou e organizou a antologia “Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século” (Ateliê). Criou a Balada Literária.



Comunique-se rápido
O tempo é curto
O espaço reduzido
Poesia é preciso
Se toque. Compartilhe
Siga em frente
Ser breve e lírico com menos caracteres

Esse livro é uma experiência lírica e
suprasensorial
Como torpedos
Você pode ler cada poema separado ou entrar
no livro como um canto interconectado.
Curta! Reprocessa!



“Quem ri quando goza
É poesia até quando é prosa” - **Alice Ruiz**

“A voz de um passarinho me recita” - **Manoel de Barros**

Sejam realistas:
Peçam sempre o impossível!

Com poucos caracteres
se escreve o que é preciso
Palavra de Narciso

Não vivo só

.....Vivo sorrindo

O amor acorda cedo
E com gestos doces
Tenta ninar
Quem tem pesadelo

Quem ama cuida
E faz o que tem que fazer
Quem ama machuca
Mesmo sem querer



Enquanto o coração bater
Vai haver amor para dizer

**Nenhum amor é vago ou vão
Mesmo o amor mais fraco é revolução**

Depois daquele beijo

Tudo ficou mais vivo

Até te comprei um vestido

Depois daquele beijo

Tudo parece divertido

Tudo está fazendo mais sentido

Foi um novo batismo

Foi um novo aviso

(Ela)

Ri de minha solidão

Acho bom! Acho graça!

Antes eu chorava

O que esperar d alguém
q não acredita no amor?

Cara de dor!

Quem é que diz o que é
felicidade, meu amor ?
Felicidade **verdadeira** fica
sempre de bobeira
Esperando a hora certa
de te encontrar

Quando ela goza
É como se deus gozasse
Por quê, então, mesmo assim
Me sinto culpado?
Que deus é esse que distribui
Culpa, chicote,
Como moedinhas de troco?

E se a gente não
desse ouvidos a
Deus...
Seria um adeus?



O rio chega na praia
Com beijos
molhados
A areia recebe o rio
Sedenta

A **água do rio**
chega e **invade**
A maré **baixa** separa
A **cheia** consome

Sonho é tão
grão de areia
A estrada cheia
de pedras
As coisas se
misturam.

Vivo pescando

versos

Como quem

reza um terço

E conta certo

Com um milagre

Se eu fosse um rio

Eu seria Francisco

Se acelerasse o passo

Passaria o passarinho

A praia cresce num preamar louco
A praia transborda
Dos afluentes
Do além-mar
Das estradas
Do ar
De todo lugar vem
É 31 de dezembro
Encontro do céu e da terra
Virada de ano
Do lado de baixo do Atlântico



Não mato **leões**
Convivo com as **cobras**
Lei do cão
Fomos nós que
invadimos a selva

Cidade dura
Não dura muito
Cara dura
Dura até o luto

A dor está em toda parte
Amador, sonhador,
aparador, babador,
ventilador, armador,
jogador, preparador
Onde estará a cura?

Curtir · Comentar · Compartilhar · quinta às 14:48

 Julia Tomchinsky, Janine Avelar, Henrique Roscoe e outros curtiram isso.

 1 compartilhamento

 **Catia Goretti Rodrigues** compartilharei prmo!
quinta às 14:49 · Curtir

 **Patricia Tucunduva Nossa**, eu tbm....
quinta às 14:50 · Curtir

 **Fani Morreale** IH... curador tbm tem dor!
que tal chamar o doutor?
quinta às 14:54 · Curtir (desfazer) ·  1

 **Samuel Lucas** muito boa essa
quinta às 14:54 · Curtir (desfazer) ·  1

 **Satiro Saone** pró cura =)
quinta às 15:34 · Curtir

 **Maisa Sobelman** no aparador?
quinta às 15:41 · Curtir

 **Camila Silva** Talvez com o anador!
quinta às 15:49 · Curtir

 **Rogeria Joff** Pró curar esta frescura
quinta às 15:55 · Curtir ·  1

Choro pelo que não fui

O que dói é deus

Sua imagem e semelhança

Parecem tão distantes

Da perfeição que almejo

Choro

No fim de tarde

No dia primeiro

No encontro das águas

Sou interseção

Heranças e sonhos

Impossíveis



Lido **todo dia**
Com sol e neve
Vivo **cada dia**
Como instante
breve

Hipnotizo palavras
Domo frases selvagens
Escrevo com tinta de
constelações
Falo pelo indizível
Poesia chama
Poesia é chama

O tempo veloz
Não tolera linha longa
A vida é breve
Poesia é creme

Deixa... deixa eu me
revoltar...

quem sabe assim eu ou
algo saia do lugar...

Deixa, deixa o tsunami
se formar...

quem sabe assim a
gente aprenda a amar...

o futuro é de quem sonha
inspiração que pensa
quem sonha vive no futuro
razão que cria

Entre a manhã
E o choro da criança

A mãe

De mansinho

O **amanhecer**

Faz **seu caminho**

Poesia

Ave de barro

Plumas de terra

Aventura Ritual

Formas etéreas

Olhos em poros

Poesia

Voz flamejante

De tudo que existe

em nós

O poeta pena

Para escrever com o

que possa

Memórias vibrantes

Para a vida

Faço **poesia** como quem
Constrói **idades**
Cada **palavra**-tijolo
Sustenta sua
importância
Sua **verdade**

De repente
você está num lugar diferente
e pergunta
como é que eu vim parar nesse lugar...
Tome o volante
Seja o seu chofer
Siga o caminho que lhe convier

Corpo é fortaleza...
vírus invadem
Mas nunca vão virar realeza!



Corpo, para quê?

Para abrigar e tratar a alma?

Enquanto vivemos

Em fantasia

Dei meu nome ao impossível

Vesti com minha alma o tal

Enquanto isso

No Vale do Silício

Castelos de areia são
erguidos

Para durarem até o
limite

Que em Wall Street
não existe

Alegria eu **senti**, alegria
cultivei

Alegria eu **vi**, alegria **sonhei**

Alegria **sofri**, alegria **nem sei**

Alegria me **fez rir**, alegria me
fez rei

Alegria **vivi**, alegria **adiei**

Alegria **perdi**, alegria **achei**

Alegria por aí, alegria que
inventei por mim e por ti

**Corpo não é aeroporto...
é avião...**

voa sem sair do chão.

De que vale agora
Essa sabedoria
Se a lágrima vem
De noite ou de dia

Guardei no inconsciente
Memórias que não quero lembrar
Consciente de que tudo está
No seu devido lugar



Cada prédio duro
de roer
Cada asfalto difícil
de engolir
O cardápio do progresso
É muito indigesto

Quanto mais frágil mais forte
Quanto mais forte mais capaz
De fazer outras pessoas felizes

Cada bala que parte
Me parte em mil mártires
Bendito e maldito tempo de combate
Cada ato contra a humanidade
Instiga os Mandelas, Marighelas,
Chico Mendes
E os Ghandis...que mobilizam as
pessoas
O Deus em mim tem várias
nacionalidades
Cada um lutando por sua comunidade

Vejo a estrada colorida

**Vejo por outra
perspectiva**

Minha vida é pela vida

Se você for filho
de Yemanjá

Pode ver versos

no caminho

A caminho do mar

Louvre futurista

Favela

Uma tela

Uma terra

Olhos de sentinela

Livros nos observam

Para depois contar

histórias

Lembrar lembranças

Divina comédia

Pop sem média

Vida sem rédea

Existência poética



Canto, canto
Procurando quem
me escute
Deus já me ouve

Mas se ninguém
mais dançasse
A vida seria um
disfarce?

A vã filosofia
Encontrou o sonho
real
Para conversar sobre
semiótica
Riram até umas horas

Todo dia recito

cem versos

Para que o dia

fique bem diverso

Quando a palavra

encontra rima

Uma estrofe pode virar

obra-prima

O menino leva o balão
O balão leva o menino
Leve-za



Preciso de aventura

Preciso de loucura

Doçura

Minha cura

Com a pele do meu coração

Fiz um tambor

Para tocar para ti, paixão

Sambas de amor

Não demora

Aurora

Nosso tempo

É agora

Ondas ondas

Linhas brancas soltas

Tempo e espaço

Mar

Tudo passa tão rápido

Tudo é tão efêmero

Viva rápido

Seja eterno

Os idealistas vivem

Sonhando

Os realistas vivem

Simplesmente

Acredito na completa

Imperfeição

Sua, minha

Em todos os vícios e pecados

Se a redenção vier

Vai voltar para casa sozinha

As palavras carregam
Histórias dos séculos
Escrevo para
testemunhar
O que não vivi

Caminho equilibrando
Estrada desnível brita solta
É mais fácil cair do que
chegar
A direção é outra

Caminho com prazer,

Tiro os sapatos,

Experimento areia, pedra, barro.

No final do dia,
depois de juntar
ramo por ramo pro ninho

Descanso

Como um passarinho



E lá vai o **trem**
Levando prá fora
Pedacos de **Minas**

Minério
Corpo da terra
Arrancado a força
Pobre Minas

Minas

O sangue negro

O ouro preto

A mama da terra

O mundo moderno

Começa em Minas

Tudo que há no mundo

Tem um pouco de Minas

Daqui sai a
matéria-prima

Do progresso

Aqui fica

O resto

Aqui Deus

Não tem alma!

Até quando?

Não há garganta

Nem força nos

pulsos

Impulsos

Minério
E diamantes de sangue
Ganância levada a sério
Alma em retrocesso

Extraia! Explore!
Aqui Deus
Não tem alma!
Não precisa de calma
E nem os mortos são seus

Os rios que vêm da montanha
As veias da terra
Viraram estradas de asfalto
Corte no meu coração
Navalhas de dinheiro
O progresso não é nada
diante do desespero

Os corpos-mentes
Que habitam o séc. XXI
Enfrentam o inevitável
Medo de que seus erros
Sejam julgados aqui na terra
A natureza nunca erra

Pra não dizer
Que não falei
De cidadania
Dói ver
Tanta covardia

O amor era puro e ingênuo
Até que resolveram
complicar
Inventaram o veneno e o
revólver
Mas não precisa nada disso
Para matá-lo



A dúvida é minha

Companheira

Mais certa

No caminho que escolhi

A dúvida assalta

Chega tocando o terror

A dúvida arrebata

Até quem se sentia

seguro

No amor

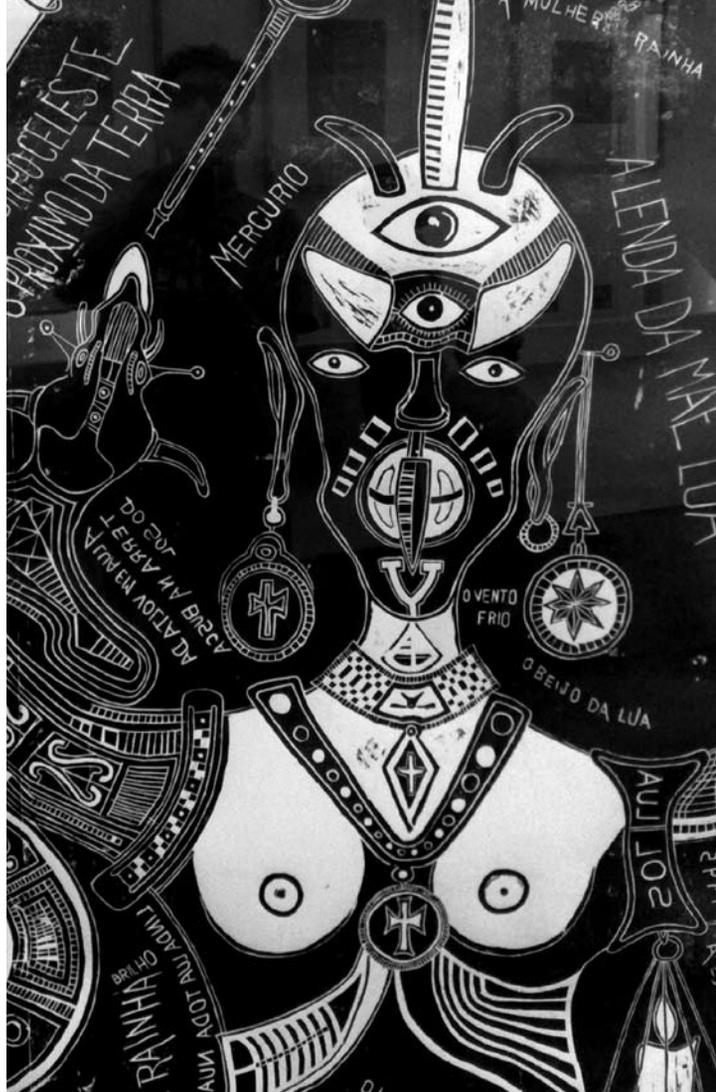
A dúvida ataca
Quando menos se espera
E parece fera
Até para quem duvida
Te paralisa
Te põe para correr
Não facilita
A dúvida é tempero do prazer

**Se não houvesse dúvida
Não haveria preces pela vida
Para criar
Tem que ter esperança
Uma boa dose de coragem
E coração de criança**

**Eu
Indivíduo
Existo**

Porque pertença
Ao coletivo
E vice-versa

**Vivo
Enquanto existo**



Meu museu é meu corpo
Minhas memórias relíquias
O tempo é superlativo
Nessa museologia
Poesia é um estado de coisas!
Sou do estado da poesia!

Desliguei-me da lógica
racional
Faz tempo
Sou poeta, laboratório
transpessoal, expressão
Contratempo

**Eis os meus haikais
sem sê-los
Uma flecha
Um torpedo
Poesia
Nas teclas
Na ponta
dos dedos**

**Era um terreno pedregoso
Removi pedras e escorpiões
E dei o nome de rua da poesia**

Voa, Pedro, voa

**Os pássaros estão te
chamando**

Voa, Pedro, voa

**Quem é filho de Ícaro
Nasceu para se arriscar**

Quando pinta rotina

É hora de abrir cortina

Olhar para fora

Viver o agora



Gira a terra
Giro o sol
Encontro no reencontro
No pôr-do-sol
Tudo se reinventa
Nessa hora
A terra, o ventre
A roda

Ele vai, ele volta
O sol, sua ronda nos
ciclos dos olhos
Dourando a Terra
Iluminando
A vida e seu contínuo
Despertar

Celebrar

A alegria de viver

O mais

Como tem que ser





SOI EU COMO SÃO SÓ MEMÓRIAS INVENTADAS A RETODAS A MADA DAS SIMPLICIDADE MEU QUIN TAL E MAIOR QUE O MUNDO, EU QUERIA SÓ DESCOBRIR E NÃO DESCREVER SOU DA INANACIONARIA

BEI MEDAÇO DE CUA QUE PULA EU INVENTE ele des VIO A VIO TA

OBEDECER A DESODEM DAS PALAS INFANTIS DE QUE AS ORDENS GRAMATI DESOLVI CAIS.



Wagner Merije é criador múltiplo, multimídia, se expressa através da literatura, da música, do vídeo e da fotografia.

Natural de Belo Horizonte, Minas Gerais, tem trabalhos lançados no Brasil e no exterior, parcerias com grandes artistas e alguns prêmios na bagagem.

É autor dos livros “Turnê do Encantamento” (2009), “Torpedos” (2012), “Cultura e Educação Mobile” (2012), e integrante-fundador dos saraus Sumário Poético e Bienal de Poesia de Minas Gerais e dos grupos de poesia performática Tripa de Mico Estrela e Painela de Expressão. Editou por dois anos a coluna “Bom de Ler” na Revista BHS.

Na música lançou os discos autorais “Coletivo Universal” (2004), “Peopleware” (2009), “Se você perder a voz” (2011), “suprasensorial” (2012) e o DVD “Coletivo Universal ao vivo na Paulista” (2008, selo Itaú Cultural), participou de coletâneas internacionais, produziu CDs e DVDs de artistas amigos e tem composições gravadas por outros músicos.

Dentre os trabalhos audiovisuais que realizou destacam-se os vídeos “Sweet São Paulo”, “Peopleware”, “Coragem”, “Sambampler” e o documentário “Beyond Ipanema”, que conta com sua música.

É idealizador e gestor do projeto cultural e educativo Minha Vida Mobile – MVMob.

Como jornalista, trabalhou para veículos no Brasil (Revista Palavra, Rede Minas, TV Horizonte, TV Senac, O Tempo, Vivo Music Tones, Rádio Inconfidência, Savassi FM) e no exterior (Folha de São Paulo/Ilustrada, Euro Brasil Press, ambos em Londres).

www.merije.com.br

Dados bibliográficos

Torpedos

Merije, Wagner – 2012

Literatura brasileira; poesia; memórias; viagens; mobile;
suprasensorial; movimento; audiovisual; título

Textos, projeto gráfico e fotos: Merije

Projeto gráfico e design: Rodrigo Guimarães

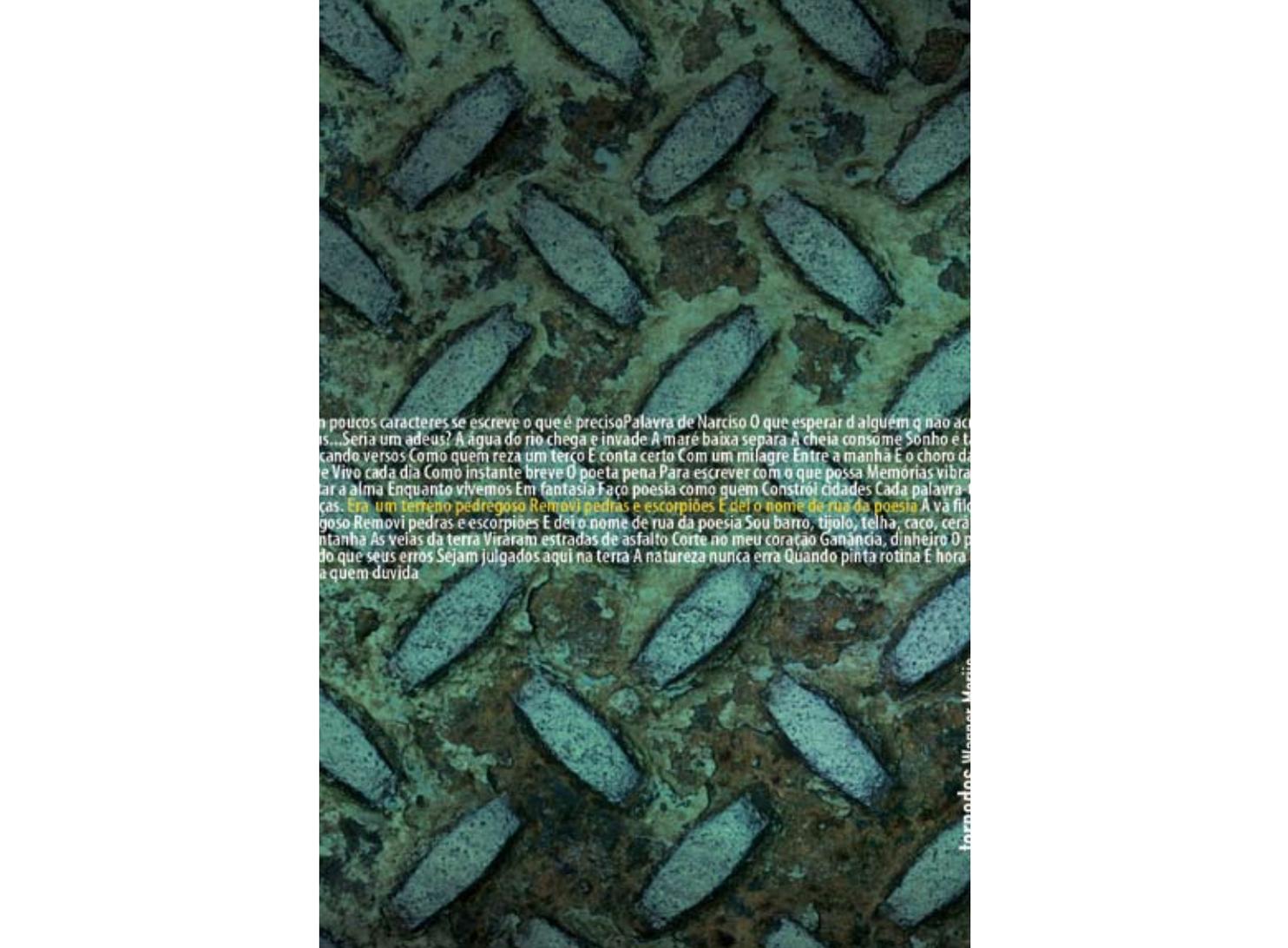
Prefácio: Marcelino Freire

Impresso no Brasil

Verão 2012

Meus sinceros agradecimentos a Marcelino Freire e

Roberta Scatolini



em poucos caracteres se escreve o que é preciso
Palavra de Narciso O que esperar d alguém q não ac
... Seria um adeus? A água do rio chega e invade A maré baixa separa A cheia consome Sonho é t
cando versos Como quem reza um terço E conta certo Com um milagre Entre a manhã E o choro da
e Vivo cada dia Como instante breve O poeta pena Para escrever com o que possa Memórias vibra
ar a alma Enquanto vivemos Em fantasia Faço poesia como quem Constrói cidades Cada palavra
cas. Era um terreno pedregoso Removi pedras e escorpiões E dei o nome de rua da poesia A via filo
goso Removi pedras e escorpiões E dei o nome de rua da poesia Sou barro, tijolo, telha, caco, cerâ
ntanha As veias da terra Viraram estradas de asfalto Corte no meu coração Ganância, dinheiro O p
do que seus erros Sejam julgados aqui na terra A natureza nunca erra Quando pinta rotina E hora
a quem duvida